

Richard A. LANHAM. *Revising Prose*. Fifth Edition.  
New York: Pearson Longman, 2006.

166 pp.

ISBN: 0-321-44169-9

## **Maria da Graça L. Castro Pinto**

[mgraca@letras.up.pt](mailto:mgraca@letras.up.pt)

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Centro de Linguística da Universidade do Porto

A primeira edição de *Revising Prose* de Richard Lanham data de 1979 e a primeira edição de *Revising Business Prose* do mesmo autor foi publicada em 1981. O meu contacto com estas obras não foi, infelizmente, direto. Na verdade, tive conhecimento do termo “lard factor” e da fórmula desenhada para a sua obtenção através de um curso subordinado ao tema *Language and Cognition*, ministrado pela Professora Ruth S. Day, que frequentei em 1982 na Universidade de Maryland no âmbito do *LSA Linguistic Institute*.

Aprendi, então, como calcular o “lard factor” em frases e subsequentemente em textos, aplicando algumas das regras do método paramédico de Lanham (2006: x), com base numa fórmula que consistia em “dividing the difference between the number of words in the original and the revision by the number of words in the original” (Lanham 2006: 4). Está em causa uma revisão que toma por base a frase (ver Lanham 2006: vii e 21) tentando economizar a atenção reclamada para ser compreendida.

O interesse que despertou em mim esse olhar para a prosa motivou-me uma pesquisa mais aprofundada sobre o assunto recorrendo aos meios de que então dispunha. A possibilidade de se aplicar à prosa um “método paramédico” (ver Lanham 2006: x) para “curar” frases “doentes”<sup>1</sup> contribuiu também para abordar a escrita nas minhas aulas numa outra perspetiva, procurando mostrar aos estudantes até onde se pode ir na revisão das produções escritas sem perder de vista que, assim como acontece com o colesterol (ver Grant-Davie 1995:1), não é de excluir a existência de gordura boa e de gordura má na prosa.

Por outras palavras, era interessante passar aos estudantes a mensagem de que rever não é compor e que, até certo ponto, é possível usar algumas regras que permitam rever o que foi escrito melhorando o produto em termos estilísticos (ver Lanham 2006: iv). Acrescentaria, no entanto, que não serão completamente de excluir relações entre o estilo e o conteúdo.

Dedicar, nesta revista de Didática de Línguas, algum espaço à quinta edição de *Revising Prose* de Richard Lanham (2006) afigura-se-me de toda a pertinência não só porque a escrita é uma presença inevitável no ensino e aprendizagem de línguas,

<sup>1</sup> A este propósito ver o documento *A Cure for wordiness. Richard Lanham's paramedic method for sick sentences*, disponível na web em: <http://www.ryerson.ca/~ru341/handouts/lanham.pdf> (2 p.), acessado em 14-05-2012

bem como inclusivamente na aprendizagem ao longo da vida, mas também porque a frequência com que se encontram textos, de alunos e de não alunos, com frases “doentes”, tendo em vista esta forma de examinar a prosa, nos obriga a atuar no intuito de os textos escritos se tornarem mais transparentes, menos obscuros, e por conseguinte de compreensão mais fácil. As palavras e as ideias devem portanto dialogar abertamente e sem rodeios para que desse confronto não provenha nem ruído ao longo do percurso inerente à escrita, nem no que será o seu produto final. Serve assim a revisão, enquanto processo cognitivo da escrita (ver McCutchen 2008:115), para avaliar, mas não de modo superficial, esse diálogo. Na opinião de Murray (1997), a revisão deve antes ser tida como uma grande aventura no que respeita à mente, revelando uma atuação da ordem da psicolinguística ao colocar em articulação as palavras e as ideias num processo de reformulação conducente ao fim almejado.

A quinta edição de *Revising Prose* (2006), como se lê no *Prefácio*, traz de novo em relação às anteriores o facto de, para além das alterações próprias de uma nova edição, reunir num só volume *Revising Prose* e *Revising Business Prose*, na medida em que o autor deixou de considerar a “business prose” um estilo separado merecedor de um tratamento especial (Lanham 2006: viii).

Esta publicação corresponde, como escreve Lanham (2006: 116), a um “hands-on guide, not a theoretical discussion”. Adverte ainda o autor que “*Revising Prose* provides [the guidance to learn to revise]. It does not tell the whole story but it does tell you how to begin.” (Lanham 2006: iv). Sabem os que conhecem a obra em apreço que a chave da revisão está no Método Paramédico (PM<sup>2</sup>) (Lanham 2006: x), que encarna um papel central em *Revising Prose* (ver Lanham 2006: vii).

*Revising Prose* começa por um prefácio (*Preface*), dividido em 9 secções, das quais ressaltaria a seguinte passagem da primeira secção “«All writing is rewriting», goes the cliché. OK. Here’s the book for it. It offers a collective writing philosophy that a group can easily and quickly learn to share.” (Lanham 2006: iv-v). Além disso, contém 8 capítulos (Capítulo 1: *Action* (pp. 1-20); Capítulo 2: *Attention* (pp. 21-34); Capítulo 3: *Voice* (pp. 35-55); Capítulo 4: *Skotison!* (pp. 56-67); Capítulo 5: *Business Prose* (pp. 68-86); Capítulo 6: *Professional Prose* (pp. 87-110); Capítulo 7: *Electronic Prose* (pp. 111-123); Capítulo 8: *Why Bother?* (pp. 124-134)), um apêndice (*Appendix*) (dividido numa parte com o título *Terms* (pp. 135-145), que mais não é do que um glossário destinado aos menos familiarizados com a terminologia usada, e noutra parte intitulada *Exercises* (pp. 147-164), com exemplos que remetem para um trabalho de diagnóstico e de revisão) e um *Index* (pp. 165-166).

A chave de toda a metodologia com vista à revisão da prosa preconizada por Richard Lanham reside então no seu PM que consiste em 8 regras de que relevo sobretudo a regra 3 “Find the *action*. [*Who’s kicking who?* (Lanham 2006: 17)]”, a regra 5 “Start fast – no slow windups” e a regra 6 “Read the passage aloud with emphasis and feeling” (Lanham 2006: x). Estas regras são efetivamente fulcrais para os diferentes exemplos de prosa a que o autor se reporta quando pretende tornar a escrita menos hermética e a sua leitura mais compreensível e rápida.

<sup>2</sup> Do inglês, “Paramedic Method” (Lanham 2006: x).

Ainda que todas as regras do PM venham a ser convocadas sempre que Lanham acha imprescindível, transcrevi as regras 3, 5 e 6 porque julgo que são as que devem merecer uma atenção especial por parte dos nossos estudantes e de outros agentes da escrita. Com efeito, não é invulgar depararmo-nos com longos parágrafos que nada contribuem para a tradução mais ajustada das ideias e para uma melhor compreensão da mensagem, não só porque em alguns casos a (necessária) *ação* (ver acima regra 3) se encontra mesmo ausente, mas também porque noutros casos abundam os encaixes, sob forma de relativas ou de subordinadas, antes da referida *ação* para que aponta Lanham, impedindo produções escritas compreensíveis (relativamente aos encaixes e suas repercussões na memória, ver Kemper & Sumner 2001: 313).

Do primeiro capítulo (*Action*), sobressai a importância que o autor atribui à ação real, à necessidade de ir direto ao assunto e de evitar um ritmo monótono. Lanham socorre-se então das cinco primeiras regras do PM (“1. Circle the prepositons. 2. Circle the «is» forms. 3. Find the *action*. Who’s kicking who? 4. Put this action in a simple (not compound) active verb. 5. Start fast – no slow windups.” (Lanham 2006: 14). Utiliza exemplos para esclarecer o que pretende e também para ilustrar o uso com propriedade de “is”.

No segundo capítulo (*Attention*), o autor destaca a regra 6 do PM (“Read the passage aloud with emphasis and feeling” (Lanham 2006: 34)), uma vez que é sua intenção sublinhar a economia da atenção, ou seja, a importância de as ideias deverem ser veiculadas tendo em conta a atenção de quem a elas se expõe. Lanham apresenta exemplos que submete ao seu método, com o fim de mostrar como, depois de serem revistos, a sua leitura passa a exigir um menor esforço de atenção.

No capítulo três (*Voice*), Lanham faz apelo ao ritmo e ao som. Escreve mesmo: “I’m suggesting that writers should become self-conscious about the sound of words” (Lanham 2006: 38). Nesta altura, atendendo a que o tamanho da frase pode desempenhar um papel que não deve ser ignorado (ver Lanham 2006: 42), são também chamadas a intervir as duas últimas regras do PM: “7. Write out each sentence on a blank screen or sheet of paper and mark off its basic rhythmic units with a «/» . 8. Mark off sentence length with a «/» .” (Lanham 2006: 42). Os exemplos constantes deste capítulo demonstram bem o que o autor quer transmitir. A frase que a seguir transcrevo resume com exatidão, é esse o meu parecer, o que Lanham pensa a este respeito: “Prose that is not voiced becomes shapeless and unemphatic in the same way that an unexercised muscle loses its tone” (Lanham 2006: 55).

O quarto capítulo (*Skotison!*) convida a parar para rever, para sentir as várias produções escritas. Mais uma vez, estamos perante um capítulo documentado com variados exemplos.

O quinto capítulo (*Business Prose*) apela em particular para as cinco primeiras regras do PM. Lanham afirma no fim do primeiro parágrafo “Business prose ought, therefore, to be *verb-dominated* prose, lining up actor, action, and object in a causal chain, and lining them up fast” (Lanham 2006: 68). As ações nas frases como as ações nos negócios não podem demorar mais do que o necessário (ver Lanham 2006: 71). Para o autor, cada frase descreve um programa de ação (ver Lanham 2006: 76). Espera-se, portanto, que este tipo de prosa não gere confusão. Diversos

exemplos são apresentados e revistos na defesa de uma prosa de onde sobressaíam com nitidez as ações, os atores e as relações entre eles.

No capítulo sexto (*Professional Prose*), surge a referência ao caráter obscuro da prosa de alguns profissionais. Lanham aconselha revisões da prosa que tornem mais evidente a ação principal e que façam com que as frases comecem sem grandes preâmbulos. As primeiras cinco regras do PM são novamente evocadas no sentido de melhorarem as produções escritas. Tal como noutros capítulos, neste também surgem exemplos para os quais o autor propõe revisões. Independentemente das matérias, Lanham insiste que a prosa não deve obscurecer o pensamento e deve ser passível de ser entendida por todos.

O capítulo sétimo (*Electronic Prose*) mostra-nos a abertura do autor às novas tecnologias da informação e da comunicação, que, na sua opinião, nos possibilitam revisões mais rápidas e a obtenção mais célere da percentagem de “lard factor” existente num texto. A vantagem que Lanham vê no texto eletrónico torna-se visível na seguinte passagem: “Revision means exactly this oscillation between looking *at* and looking *through* a prose surface. The natural logic of electronic text leads more naturally to this *at/through* oscillation than does print, and so invites revision in a way fixed print does not.” (Lanham 2006: 113-114). Quanto à aplicação da regra 6 do PM, para este estudioso a tarefa encontra-se simplificada num ambiente multimédia. De acordo com Lanham, a revisão em meio eletrónico será mais acessível, mais criativa, mais divertida e lança mesmo mais desafios (ver Lanham 2006: 123).

No último capítulo (*Why Bother?*), o autor questiona a oportunidade da aplicação do PM em prosas aparentemente confusas. Interroga-se mesmo por que razão se deve querer ver num mundo cego (Lanham 2006: 124). Adianta porém que talvez seja bom ver mais do que os outros. Avança ainda que, quando perdemos tempo a adicionar gordura na nossa prosa, corremos o risco de fazer também com que a atenção de quem lê se disperse, com implicações a nível da economia da atenção. Por outro lado, acha que não será pior colocar a palavra certa no bom momento e tentar que o que se escreve resulte transparente.

A finalizar, o autor escreve que “Prose style, then, cannot be reduced to a set of simple rules about clarity, brevity, and sincerity.” (Lanham 2006: 133). Na realidade, como Lanham observa, ele não é menos complicado do que o restante comportamento humano porquanto o integra e serve para o exprimir (ver Lanham 2006: 133).

O livro *Revising Prose* de Lanham (2006) acaba por ser um guia para converter por via da revisão o *Official Style* – designação que este estudioso atribui ao estilo burocrático que, em seu entender, domina o discurso escrito dos dias de hoje –, num inglês simples (“plain English”) (Lanham 2006: v). É natural também que ambos os estilos devam ser conhecidos por forma a que quem escreve possa adaptar-se às circunstâncias e atingir as ideias que subjazem a cada um deles para poder substituir um pelo outro.

Trata-se sem dúvida de uma obra que nos faz pensar a escrita e que nos ensina a revê-la obedecendo a regras que a tornem numa prosa límpida e passível de um rápido acesso às ideias que lhe servem de ponto de partida. Por outro lado,

revela-se também digno de nota o modo como Lanham chama a atenção de quem escreve para o ritmo, para a sonoridade, para as aliterações, para a repetição de estruturas semelhantes, para o uso abusivo de auxiliares, para o pouco rigor no uso dos termos, para o comprimento das frases, para a necessidade de articular adequadamente ideias com o seu consequente efeito nas frases, a fim de que a prosa não dê lugar a uma leitura penosa. Lembraria até que o leitor pode correr o risco de não compreender o que lê quando está face a uma escrita que oferece dificuldade em encontrar a ação principal no caso de esta se situar após vários sintagmas preposicionais ou mesmo após orações relativas ou subordinadas. Não me abstenho mesmo de afirmar que uma prosa com essas características não torna improvável que quem pratica uma escrita desse teor seja levado a cometer o erro de omitir a ação principal, deixando assim o seu pensamento inacabado. Interessa sublinhar como Lanham não se esquece de mencionar a escrita hermética de profissionais com responsabilidade na sociedade, que, consciente ou inconscientemente, a tornam, em certos casos, incompreensível ou então de difícil compreensão.

Só posso naturalmente aconselhar a leitura de *Revising Prose* de Lanham. O seu *Método Paramédico* deveria ser aplicado às frases que dele carecem, com as devidas adaptações às línguas em análise, para que com essa aplicação se obtenha uma prosa com menos “lard factor” e capaz de atingir os objetivos que qualquer tipo de escrita se propõe. Acabaria reforçando a premência de estudar o que representa o “lard factor” em cada língua e de ter presente que este fator só começará a fazer sentido quando quem escreve já apresenta uma prosa capaz de ser submetida ao método que conduz à sua obtenção.

---

Recebido em abril de 2012; aceite em junho de 2012.

## Referências

- Grant-Davie, K. 1995. *Functional redundancy and ellipsis as strategies in reading and writing*. JAC 15.3 Utah State University (20 p.). Disponível na web em <http://jac.gsu.edu/jac/15.3/Articles/4.htm>, acessado em 28-03-2005.
- Kemper, S.; Sumner, A. 2001. The structure of verbal abilities in young and older adults. *Psychology and Aging*. 16 (2): 312-322.
- Lanham, R. A. 1979. *Revising prose*. New York : Scribner.
- Lanham, R. A. 1981. *Revising business prose*. New York: Scribner.
- McCutchen, D. 2008. Cognitive factors in the development of children’s writing. In: C. A. MacArthur; S. Graham; J. Fitzgerald (Eds.). *Handbook of writing research*. New York, London: The Guilford Press. Paperback edition, Chapter 8, 115-130 (original edition 2006).
- Murray, D. M. 1997. The craft of revision. 3rd edition (August 1997). Harcourt Brace, referido no documento intitulado *Revision. Why revision?* (pp. 1 e 2 de 4). Disponível na web em <http://oak.cats.ohiou.edu/~ef376600/Narrative/Revision%20Lesson.htm>, acessado em 05-01-2007.